

# Aproximações e distanciamentos da interculturalidade crítica na coleção *Teláris Essencial Inglês*

Juliana Monteiro da Silva **RICARTE\***  
Fernanda Caiado da Costa **FERREIRA\*\***  
Viviane Pires Viana **SILVESTRE\*\*\***

\* Especialista em Administração Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (2012). Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) pela Universidade Estadual de Goiás. Professora e coordenadora na Rede Municipal de Educação de Anápolis, Goiás. [jumsricarte@hotmail.com](mailto:jumsricarte@hotmail.com).

\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2023). Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás e bolsista CAPES. [fernandacferreira@gmail.com](mailto:fernandacferreira@gmail.com).

\*\*\* Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2016). Docente permanente no curso de Letras Português/Inglês e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás. [viviane.silvestre@ueg.br](mailto:viviane.silvestre@ueg.br).

## Resumo:

A globalização intensificou a presença do inglês como língua franca em diversos contextos culturais e econômicos. No entanto, seu ensino ainda reforça visões euro-eua-cêntricas e hegemônicas, marginalizando culturas e identidades locais. A interculturalidade crítica, inspirada na pedagogia decolonial, busca romper com essas práticas ao refletir sobre as relações de poder implicadas na linguagem e valorizar a diversidade cultural. Este estudo tem como objetivo analisar em que medida as propostas pedagógicas da coleção de livros didáticos *Teláris Essencial Inglês* se aproximam e/ou se distanciam dos princípios da interculturalidade crítica, promovendo a problematização de identidades, culturas e relações de poder para além de abordagens meramente celebratórias da diversidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, fundamentada em autores/as como Walsh (2009), Fleuri (2014), Candau (2012, 2020), Tilio (2010), Material [...], (2020) e Anjos (2019). O estudo evidenciou que o material apresenta tanto potencialidades quanto limitações no que se refere ao desenvolvimento da consciência crítica e ao reconhecimento da pluralidade de identidades no ensino de língua inglesa. Tais resultados indicam a necessidade de reflexões contínuas sobre os conteúdos curriculares e sobre a formação de educadores/as, de modo a

favorecer práticas pedagógicas sensíveis às articulações entre perspectivas locais e globais em contextos educacionais específicos.

**Palavras-chave:**

Interculturalidade Crítica; Língua Inglesa; Livro Didático; *Teláris Essencial Inglês*.

**Abstract:**

Globalization has intensified the presence of English as a lingua franca in diverse cultural and economic contexts. However, its teaching still reinforces euro-usa-centric and hegemonic perspectives, marginalizing local cultures and identities. Critical interculturality, inspired by decolonial pedagogy, seeks to challenge these practices by reflecting on the power relations embedded in language and by valuing cultural diversity. This study aims to analyze the extent to which the pedagogical proposals of the *Teláris Essencial Inglês* textbook collection approximate and/or diverge from the principles of critical interculturality, promoting the problematization of identities, cultures, and power relations beyond merely celebratory approaches to diversity. This is a qualitative, documentary study grounded in the works of Walsh (2009), Fleuri (2014), Candau (2012, 2020), Tilio (2010), Material [...], (2020), and Anjos (2019). The findings indicate that the material presents both potentialities and limitations with regard to fostering critical awareness and recognizing the plurality of identities in English language teaching. These results point to the need for ongoing reflection on curricular content and teacher education, in order to support pedagogical practices that are sensitive to the articulation between local and global perspectives in specific educational contexts.

**Keywords:**

Critical Interculturality; English Language; Textbook; *Teláris Essencial English*.

# Aproximações e distanciamentos da interculturalidade crítica na coleção *Teláris Essencial Inglês*<sup>1</sup>

---

Juliana Monteiro da Silva RICARTE  
Fernanda Caiado da Costa FERREIRA  
Viviane Pires Viana SILVESTRE

## INTRODUÇÃO

A consolidação do inglês como língua franca é um fenômeno marcante do mundo contemporâneo. Com o avanço do processo de globalização, o inglês tem transcendido barreiras geográficas e culturais, tornando-se um elemento-chave nas comunicações internacionais, nas trocas econômicas e nas dinâmicas culturais globais. No entanto, esse protagonismo não está isento de implicações políticas, culturais e sociais, frequentemente ocultas nos discursos que promovem o ensino da língua (Fleuri, 2014). O inglês, ao ser apresentado muitas vezes como uma língua neutra e funcional, acaba por sustentar e disseminar perspectivas euro-eua-cêntricas (Walsh, 2010) e hegemônicas que marginalizam outras culturas e reforçam desigualdades históricas (Candau, 2020).

Nesse contexto, a interculturalidade crítica apresenta-se como uma perspectiva que reconhece e valoriza as diversidades culturais, ao mesmo tempo em que questiona as relações de poder subjacentes à educação linguística. Fundamentada em princípios da pedagogia decolonial, essa perspectiva se ancora, como afirma Walsh (2016, p. 66), no “fato de que as lutas não são só *contra* a ordem dominante e a matriz colonial do poder, mas, de modo ainda mais significativo, *para* construir formas outras de ser e de pensar em e com o mundo”. Dessa maneira, busca criar um espaço de diálogo entre culturas que desafie hierarquias coloniais. Assim, mais do que ensinar uma língua, a educação linguística, sob a ótica da interculturalidade crítica, propõe-se a formar sujeitos críticos, capazes de refletir sobre as condições de produção e circulação dessa língua, bem como sobre as implicações éticas e políticas de seu uso.

Com base nesses pressupostos, analisamos, neste artigo, em que medida as propostas pedagógicas da coleção de livros didáticos *Teláris Essencial Inglês* se aproximam e/ou se distanciam dos princípios da interculturalidade crítica, promovendo uma problematização de identidades, culturas e relações de poder que transcenda abordagens meramente celebratórias da diversidade. Isso porque concordamos com Rojo (2013) e Material [...], (2020) que o material didático ocupa um papel fundamental na educação linguística, podendo atuar tanto como um reflexo das ideologias dominantes quanto um espaço potencial para a construção de práticas pedagógicas problematizadoras. Quanto à metodologia, este estudo se constitui uma pesquisa qualitativa, de natureza documental. A fundamentação teórica baseia-se especialmente nos trabalhos de Walsh (2009, 2010, 2016), Fleuri (2014) e Candau (2012, 2014, 2019, 2020), que se destacam no tema interculturalidade crítica, bem como nos apontamentos sobre o livro didático e o ensino de língua inglesa de autoria de Anjos (2019), Rojo (2013), Material [...], (2020) e Tilio (2010).

Além desta seção introdutória e das considerações finais, o texto está organizado em três seções: na primeira, abordamos a compreensão da interculturalidade crítica e o ensino da língua inglesa; na segunda, ampliamos a discussão sobre interculturalidade crítica, relacionando-a ao livro didático; por fim, na terceira, apresentamos nossa análise da coleção *Teláris Essencial Inglês*.

---

<sup>1</sup> Revisado por: Úrsula Massula. As autoras agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo apoio e fomento por meio do recurso de custeio do Processo: 88887.691549/2022-00 PDPG - Pós-Doutorado Estratégico.

# 1 INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

A globalização impulsionou significativamente a relevância da língua inglesa, consolidando-a como a principal língua franca para a comunicação em muitos contextos interlinguísticos e transculturais. Sendo assim, a presença do inglês em múltiplos cenários não pode ser desvinculada das implicações sociais e culturais que a acompanham, principalmente no que diz respeito ao ensino de línguas (Rodrigues; Silvestre, 2020). A proposta de considerar a interculturalidade crítica no ensino de língua inglesa surge justamente como uma resposta necessária para as limitações de práticas pedagógicas que naturalizam a dominância dessa língua no mundo globalizado.

Segundo Walsh (2009), a interculturalidade crítica não se limita ao simples reconhecimento da diversidade cultural, questionando os processos históricos de marginalização e exclusão. Ao trazer esse conceito para o contexto da educação linguística, o objetivo é romper com o ensino da língua meramente como um sistema de comunicação funcional e envolver os/as estudantes em uma problematização sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas que informam o uso da língua e a construção de conhecimentos. Assim, em vez de simplesmente ensinar a língua inglesa como uma ferramenta de comunicação eficaz, busca-se fomentar um aprendizado que promova uma compreensão crítica dos sistemas de poder e das disparidades presentes no mundo global.

A compreensão da língua inglesa na perspectiva da interculturalidade crítica demanda que professores/as e alunos/as questionem e resistam à ideia de que a língua seja neutra, desvinculada de dimensões sociais, políticas e culturais. De acordo com Rojo (2013), a língua, enquanto prática social e histórica, é um reflexo das relações de poder que existem entre as culturas e dentro das diferentes sociedades. Por isso, o estudo das línguas deve então ser compreendido não apenas como a aprendizagem de uma língua estrangeira em termos de vocabulário, gramática e fonologia, mas também como uma oportunidade para questionar o *status* de algumas culturas em detrimento de outras.

O inglês, que detém o *status* de língua franca no mundo globalizado, tem uma história de colonização e hegemonia que está fortemente ligada aos processos imperialistas de diversos países, especialmente os anglófonos, como Reino Unido e Estados Unidos. O impacto dessa hegemonia se reflete no ensino da língua, no qual muitas vezes se perpetua a visão de que a cultura desses países detém o “modelo ideal” de formação de conhecimento, de comportamento e até mesmo de prática linguística (Rojo, 2013). A interculturalidade crítica no ensino de inglês, portanto, propõe questionar e desafiar esses discursos hegemônicos ao se engajar com culturas locais e suas expressões linguísticas com postura reflexiva e problematizadora (Rodrigues; Silvestre, 2020; Walsh, 2016).

Ao considerar a interculturalidade crítica no ensino de língua inglesa, o propósito, além de disseminar conhecimento linguístico, é ainda de incentivar um diálogo intercultural, que permita aos/as estudantes reconhecerem as várias maneiras de ser e tornar-se no mundo. Esse processo não busca um engajamento superficial com outras culturas, mas uma reflexão genuína sobre as relações entre línguas, identidades e poder (Quijano, 2020). A educação linguística é, conseqüentemente, oportuna para transformar as salas de aula em espaços de valorização e de resistência às dinâmicas globais de colonização cultural, proporcionando às pessoas envolvidas uma formação crítica e consciente sobre o papel que a língua exerce na configuração das realidades culturais, sociais e políticas.

Isso posto, para que a educação linguística se torne verdadeiramente intercultural, é necessário valorizar as particularidades linguísticas dos/as docentes e discentes, respeitando os diferentes modos de comunicação que circulam pelo mundo. Logo, o ensino de língua inglesa precisa se abrir para os saberes locais e entender a língua como um espaço interativo de intercâmbio cultural, e não como uma hierarquia de línguas “superiores” e “inferiores”.

Assim, a interculturalidade crítica no ensino de língua inglesa carrega consigo o potencial de transformação social. Quando refletem sobre as questões de poder que atravessam as línguas e as culturas, os/as estudantes tanto aprendem uma língua quanto desenvolvem a capacidade de ler

criticamente o mundo e atuar nele de forma mais justa (Walsh, 2009). Isso porque possibilita aos/as alunos/as serem mais do que aprendizes passivos/as, assumindo o papel de participantes ativos em um processo contínuo de desconstrução e reconstrução da realidade. Ao incluir discussões sobre as relações de poder, as interações culturais e a valorização das diversidades, o ensino da língua inglesa pode se tornar um processo de autoquestionamento e problematização, incentivando docentes e discentes a questionar as desigualdades globais e locais e a pensar criticamente sobre a construção de suas próprias identidades.

Nesse sentido, a reflexão crítica sobre os materiais didáticos utilizados nas salas de aula de inglês se mostra fundamental. Muitas vezes, os livros e recursos empregados nas aulas de língua inglesa reforçam visões unilaterais que privilegiam modelos linguísticos oriundos dos países anglófonos tradicionais. No entanto, compreendemos, bem como Rojo (2013), que os materiais deveriam incorporar a diversidade cultural que acompanha o uso da língua, apresentando-a como um meio de conexão entre culturas distintas e não como um modelo preestabelecido a ser replicado, como passamos a discutir na seção seguinte.

## **A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E O LIVRO DIDÁTICO**

A interculturalidade crítica no contexto da educação linguística exige problematizar as representações culturais presentes nos livros didáticos, ferramentas centrais para o processo educativo. Tradicionalmente, os livros didáticos de língua inglesa têm sido moldados por uma visão centrada na cultura anglófona, especialmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, resultando na construção de um “outro” exótico, muitas vezes reduzido a estereótipos. Sendo assim, em concordância com Monte Mór (São Paulo, 2010, p. 25), é imprescindível “expandir a perspectiva do aprendiz sobre a pluralidade, diversidade e multiplicidade presentes na sociedade atual (de formas de comunicação, de culturas e identidades, linguagens e modalidades)”. Nesse cenário, o livro didático de língua inglesa, ao tentar ensinar a língua de maneira objetiva e funcional, acaba por reforçar relações de poder que marginalizam culturas locais e negligenciam desigualdades históricas.

Nesse sentido, ao considerar os livros didáticos de língua inglesa, frequentemente observamos uma ênfase na importância da assimilação de expressões, vocabulário e normas da cultura anglófona, como se essas fossem as únicas válidas. Na prática, muitos desses livros se utilizam de imagens, expressões e contextos que universalizam aspectos culturais dos países hegemônicos de língua inglesa. Sobre esse assunto, Pennycook (2001, p. 124) enfatiza que “os livros didáticos são uma representação do capital cultural e linguístico”. Diante disso, estabelecem uma conexão direta entre a língua e o modo de vida, muitas vezes favorecendo uma visão euro-eua-cêntrica e alinhada aos interesses da globalização econômica e cultural. O modelo funcional de ensino, bastante presente nesse tipo de livro didático, busca preparar os/as estudantes para interações comunicativas em um mundo supostamente globalizado e homogêneo, focando na utilização prática da língua para alcançar sucesso em um pretenso mercado global.

Contudo, esse enfoque apresenta sérias limitações, já que tende a marginalizar as diversidades culturais, seja referente às culturas brasileiras, seja às de outros países fora da órbita anglófona, excluindo vozes e práticas culturais locais. Esse tipo de abordagem também reforça a ideia de que o modelo ocidental e anglófono é o padrão global de desenvolvimento, atribuindo valor secundário às tradições, aos costumes e aos saberes de outros povos (Fleuri, 2014). A interculturalidade crítica, por sua vez, tem como ponto central a desconstrução dessas relações de poder. Através de uma pedagogia decolonial, ela busca fomentar uma educação que reconheça a multiplicidade cultural como força vital para o entendimento do mundo contemporâneo. Dessa maneira, é primordial reavaliar esses materiais a partir dessa perspectiva que concebe a educação em um campo de negociação intercultural, em que vozes historicamente silenciadas tenham espaço de projeção e escuta.

Nesse processo, os livros didáticos precisam ser repensados, tanto em seus conteúdos como na forma de seleção e tratamento das informações. Nas palavras de Tilio (2010, p. 172):

Aprender uma língua é um processo que envolve as identidades dos aprendizes, pois uma língua não é um mero sistema de signos e símbolos, mas uma complexa prática social na qual os valores e significados atribuídos a um enunciado são determinados, em parte, pelos valores e significados a ele atribuídos pelo seu produtor. Para que algum conhecimento seja construído de forma significativa, é preciso que os alunos se identifiquem com ele, ou seja, que o entendam como parte de seu mundo. Ao considerar a individualidade dos alunos respeita suas identidades. E aqui é importante lembrar que um aluno não possui uma identidade única: a de aprendiz; assim como os demais membros da sociedade, os aprendizes também possuem identidades múltiplas: gênero, raça, classe, posição na família.

Portanto, esses livros deveriam integrar múltiplas perspectivas culturais que permitam aos/as estudantes perceber as interconexões globais e, ao mesmo tempo, valorizar os saberes locais. Por exemplo, um livro didático poderia incluir diálogos e histórias que não apenas retratassem as culturas dos países de língua inglesa, mas também mostrassem outras culturas em interação com o contexto global. Em vez de representar a língua inglesa unicamente como uma ferramenta de comunicação global, ela seria vista como um campo de práticas culturais complexas, onde múltiplas perspectivas e vozes se encontram, questionam e constroem o sentido de pertencimento identitário (Anjos, 2019).

Ademais, os livros didáticos podem problematizar noções de “normalidade” e “exotismo” frequentemente mobilizadas na abordagem de outras culturas. Nesse sentido, Monte Mór (São Paulo, 2010) defende um ensino de língua estrangeira que priorize a heterogeneidade, a linguagem contextualizada, a construção de sentidos e a aprendizagem situada. De modo convergente, Pennycook (2001) afirma que a língua ensinada, as práticas desenvolvidas e os materiais utilizados em sala de aula devem ser compreendidos como práticas sociais e culturais. Trata-se, portanto, de uma perspectiva crítica que reconhece as dimensões sociais, políticas e culturais como constitutivas do ensino de línguas. Um enfoque intercultural no livro didático de inglês ainda poderia valorizar, por exemplo, as contribuições culturais brasileiras, como as manifestações artísticas, linguísticas e sociais da diversidade regional, tão ricas e fundamentais para a formação do nosso povo, criando uma perspectiva mais plural. Nessa esteira, Anjos (2019, p. 38), destaca “a necessidade de descolonizar o ensino de língua inglesa, repensando métodos de ensino e materiais didáticos, argumentando que princípios metodológicos e práticas que são apropriadas para contextos locais devem ser exploradas”. Para o autor, professores/as e aprendizes podem atuar como agentes de mudança social: “quando os discursos colonialistas emergem e colocam povos e culturas em nível de inferioridade é preciso a atuação de professores críticos, conscientes, politizados e preparados para lidar com a educação linguística” (Anjos, 2019, p. 62). Assim, compreendemos com o autor que, por meio de uma educação linguística crítica, docentes e discentes aprendem a “reagir diante de situações que desafiem as suas identidades e culturas” (Anjos, 2019, p. 62).

No lugar de simplesmente expor os/as estudantes ao “outro” como um fenômeno distante ou inatingível, é preciso promover o diálogo entre culturas. Nesse contexto, o inglês deve se constituir como uma ferramenta para a compreensão de uma realidade global marcada por conflitos e interações de poder que abrangem desde as margens da sociedade até as esferas de influência global. Dessa maneira, a análise crítica de livros didáticos, sob a ótica da interculturalidade crítica, evidencia a urgência de uma reconfiguração de suas propostas pedagógicas. Longe de ser um processo neutro ou tecnicista, o ensino de língua inglesa deve se posicionar como uma prática educativa que prepara os/as estudantes para o enfrentamento das desigualdades globais e locais, e para a construção de um diálogo intercultural. Outro ponto relevante a ser mencionado é que o livro didático permanece como o recurso mais empregado no ensino de línguas nas escolas brasileiras. Nessa perspectiva, é crucial entender que as interações sociais, as construções de identidades e os contextos vivenciados no ambiente da sala de aula também são influenciados pelos materiais didáticos utilizados (Material [...], 2020). Por isso, esses recursos devem promover um ensino que estimule posturas críticas, priorizando uma abordagem reflexiva e significativa em vez de focar exclusivamente em exercícios estruturais (Material [...], 2020), especialmente os materiais utilizados nas escolas da educação básica.

## INTERCULTURALIDADE CRÍTICA NA COLEÇÃO *TELÁRIS ESSENCIAL INGLÊS*

A coleção *Teláris Essencial Inglês*, analisada neste estudo, integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) no ciclo 2024-2027 (Brasil, 2024). Publicada em 2022 pela Editora Ática e elaborada por Adriana Saporito, Elaine Hodgson, Rafael Monteiro e Viviane Kirmeliene, a coleção é destinada ao Ensino Fundamental – Anos Finais e é composta por quatro volumes, que vão do sexto ao nono anos. O material é adotado por escolas da rede municipal de ensino de Anápolis (GO), contexto no qual a primeira autora atua como docente e coordenadora pedagógica.

Cada volume é organizado em oito unidades temáticas e apresenta seções recorrentes, entre as quais se destaca a seção intitulada *Warming Up*, que propõe a mobilização de experiências dos/as estudantes a partir dos temas trabalhados, relacionando-os ao seu cotidiano e à comunidade em que estão inseridos/as. De modo geral, a coleção recorre a imagens e propostas que contemplam diferentes contextos socioculturais, buscando ampliar as representações presentes no material didático e escapar do padrão euro-eua-centrado. Na sequência, são apresentadas análises de unidades selecionadas dos quatro volumes, com foco na discussão de aproximações e distanciamentos em relação aos pressupostos da interculturalidade crítica.

O livro didático destinado ao sexto ano aborda temas relacionados à identidade, aos costumes, à cultura, à saúde e ao desenvolvimento sustentável, entre outros, além de propor reflexões sobre a língua inglesa como língua franca e seus usos em diferentes contextos da sociedade brasileira, como o cultural, o comercial, o tecnológico e o científico. Na segunda unidade, intitulada *Family Time*, são apresentadas imagens de diferentes configurações familiares, acompanhadas de questionamentos sobre o conceito de família e sobre as experiências dos/as próprios/as estudantes. Embora o material proponha reflexões acerca de tipos de famílias que não estão representados nas imagens, observa-se a ausência de famílias homoafetivas, o que limita a representatividade proposta e contribui para a invisibilização dessas configurações ao longo da coleção, mesmo que o tema possa ser discutido oralmente nas atividades da seção *Warming Up*. A problematização de modelos familiares padronizados pode favorecer processos educativos mais sensíveis à diversidade, conforme aponta Candau (2012), por defender a igualdade de oportunidades no reconhecimento das especificidades dos sujeitos. Nesse sentido, a não representação de determinadas experiências sociais tende a reforçar assimetrias já existentes, ao silenciar grupos historicamente marginalizados.

Na terceira unidade do livro do sexto ano, intitulada *School Days*, as imagens retratam contextos escolares diversos, com estudantes de diferentes etnias, raças, gêneros e com deficiência. As propostas da seção *Warming Up* incentivam a observação e a discussão das semelhanças e diferenças entre essas realidades escolares, possibilitando reflexões sobre o papel da educação na redução de desigualdades. Ainda que essas atividades favoreçam a valorização da diversidade no espaço escolar, sua efetividade depende da forma como tais discussões são conduzidas em sala de aula e articuladas às experiências concretas dos/as estudantes. Portanto, quando os/as estudantes refletem sobre as diversidades e as enxergam nos materiais didáticos e nas propostas apresentadas, eles/as podem perceber que são agentes no processo educativo e não somente espectadores/as das imposições coloniais.

O livro didático destinado ao sétimo ano aborda temas como consumo consciente, preservação ambiental, feminismo e saúde física e emocional, entre outros. As propostas apresentadas favorecem reflexões sobre diferentes questões sociais contemporâneas, estimulando o desenvolvimento de uma postura crítica dos/as estudantes em relação a aspectos ambientais e sociais. Na terceira unidade, intitulada *Fabulous First*, são apresentadas imagens de mulheres que se destacaram por diferentes realizações, como Marie Curie, Lea Campos, Débora Seabra e Kamala Harris. Essas representações possibilitam discussões sobre equidade de oportunidades e participação feminina em diferentes campos profissionais, problematizando desigualdades associadas ao gênero e ampliando a visibilidade de trajetórias historicamente marginalizadas. As discussões propostas dialogam com a perspectiva de Candau (2012), segundo a qual os processos educativos devem promover a

desconstrução de preconceitos e discriminações naturalizados nas relações sociais e escolares.

Na quinta unidade do sétimo ano, intitulada *Writers and their Works*, o livro apresenta imagens e textos de autores e autoras como Nelson Mandela, Malala Yousafzai, Carolina Maria de Jesus e Davi Kopenawa, contemplando diversidade de etnia, raça e gênero. As atividades propostas articulam o contato com diferentes produções textuais a discussões sobre temas sociais, como a violência de gênero, incentivando a reflexão crítica dos/as estudantes sobre essas questões. Ao integrar diversidade cultural e problematizar relações de opressão, a unidade se aproxima da perspectiva de uma educação intercultural crítica, conforme defendida por Candau (2014), que enfatiza a formação de sujeitos capazes de aprender com outras culturas e, simultaneamente, questionar as assimetrias que permeiam esses diálogos.

Por meio da mobilização de múltiplas perspectivas culturais, os materiais do sétimo ano oferecem subsídios para que os/as estudantes reconheçam interconexões globais e valorizem saberes locais. Ao apresentar a língua inglesa como espaço de práticas culturais diversas, a coleção contribui para a compreensão do idioma como um campo de construção de sentidos, identidades e pertencimentos, conforme aponta Anjos (2019).

No livro didático destinado ao oitavo ano, são abordados temas como diversidade cultural, alimentação saudável, educação financeira, ética e sustentabilidade, com propostas voltadas à reflexão dos/as estudantes sobre diferentes questões sociais. As ilustrações contemplam contextos socioculturais diversos, o que pode favorecer o reconhecimento de múltiplas experiências e sentidos de pertencimento. Na primeira unidade, intitulada *Folktales and Myths*, o material apresenta representações culturais de diferentes localidades, valorizando narrativas da cultura popular e sua preservação. Nessa unidade, destacam-se atividades que mobilizam personagens do folclore brasileiro, promovendo o reconhecimento de saberes locais e da cultura nacional, além de referências às culturas indígena, africana e europeia.

Ao tratar da diversidade cultural, a obra propõe o diálogo entre diferentes tradições, pautado no respeito e na problematização de processos históricos. Nesse sentido, Araújo e Pereira (2025) ressaltam que a compreensão dos conflitos sociais no Brasil, especialmente aqueles relacionados às questões raciais e às desigualdades sociais, demanda uma análise crítica da formação histórica da sociedade brasileira, marcada por encontros culturais assimétricos no contexto da colonização. Essa abordagem dialoga com a concepção de interculturalidade defendida por Fleuri (2014), segundo a qual a interculturalidade deve ser compreendida como uma ação contínua e deliberada, articulada a perspectivas decoloniais. Sob esse enfoque, o ensino de línguas não se limita à reorganização de conteúdos curriculares, mas envolve o questionamento das estruturas que os sustentam, reconhecendo a língua como um espaço atravessado por relações históricas e sociais de poder.

O livro didático destinado ao nono ano aborda temas como direitos das crianças e dos adolescentes, mobilidade urbana, cultura africana, saúde física e emocional e discriminação etária, entre outros. As propostas apresentadas buscam fomentar a reflexão dos/as estudantes sobre diferentes dimensões da diversidade presentes na sociedade contemporânea. A obra mobiliza imagens e atividades que tratam da inclusão social, como a representação de pessoas com deficiência em contextos escolares, profissionais e esportivos, o que favorece a problematização do acesso a oportunidades e da participação social em diferentes esferas da vida cotidiana.

A quarta unidade, intitulada *African Ancestry in Art*, aproxima-se de uma perspectiva intercultural ao valorizar a diversidade cultural africana e reconhecer a relevância de suas expressões artísticas. Essa abordagem dialoga com a concepção de interculturalidade crítica discutida por Walsh (2009), ao tensionar a centralidade de narrativas euro-eua-cêntricas e evidenciar as línguas e culturas como fenômenos historicamente situados, atravessados por relações de poder e resistência. Em consonância com esse entendimento, Aman (2018) argumenta que uma educação intercultural crítica permite reconhecer saberes e línguas historicamente deslegitimados, enquanto explicita as assimetrias produzidas pelo passado colonial, em vez de neutralizá-las.

Na quinta unidade, intitulada *Age Doesn't Define Us*, são propostas reflexões sobre

discriminação etária e seus impactos na saúde emocional. As atividades incentivam a problematização do etarismo e a valorização da diversidade etária, possibilitando aos/às estudantes questionar estereótipos e preconceitos associados à idade. Em linhas gerais, o livro do nono ano apresenta aproximações relevantes com os pressupostos da interculturalidade crítica, ainda que tais discussões dependam da mediação pedagógica para se consolidarem de forma mais aprofundada no contexto da sala de aula.

A análise da coleção *Teláris Essencial Inglês* viabiliza compreender em que medida o material se aproxima e/ou se distancia dos pressupostos da interculturalidade crítica. Observam-se aproximações na recorrente tematização da diversidade cultural e no incentivo ao reconhecimento de múltiplas identidades, o que aponta para a incorporação de princípios interculturais no ensino de língua inglesa. Entretanto, também se evidenciam distanciamentos, sobretudo no tratamento ainda limitado das relações de poder que atravessam as representações culturais, bem como na tendência a abordagens predominantemente descritivas da diferença, que nem sempre se desdobram em problematizações mais aprofundadas.

Nessa perspectiva, a consolidação da interculturalidade crítica como prática pedagógica demanda a articulação entre reflexão e ação docente, conforme assinala Freire (1996, p. 38), ao afirmar que “a prática docente crítica [...] envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Assim, o reconhecimento das desigualdades culturais, embora constitua um passo inicial, mostra-se insuficiente quando não acompanhado de estratégias que problematizem as estruturas que as produzem e sustentam. Tal compreensão dialoga com Rodrigues e Silvestre (2020, p. 423), para quem a interculturalidade crítica “precisa ser (com)partilhada e vivida, não meramente como uma ideia ou um conceito, mas como uma forma de perceber e atuar com e no mundo”. Nesse sentido, os resultados deste estudo indicam que a coleção analisada apresenta potencialidades para o trabalho com a interculturalidade crítica, ao mesmo tempo em que revela limites que demandam aprofundamento e mediação pedagógica para a superação de leituras superficiais da diversidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise indica que a coleção *Teláris Essencial Inglês* mobiliza temas como discriminação etária, diferenças culturais, cultura popular, tradições, inclusão social, gênero, raça e etnia, o que pode ser relacionado aos pressupostos da interculturalidade crítica, na medida em que favorece reflexões sobre interações culturais e relações de poder para além de abordagens meramente descritivas da diversidade. Contudo, essa análise evidencia, além dos avanços, limitações em sua proposta pedagógica, uma vez que, apesar de contemplar determinadas dimensões da diversidade, apresenta lacunas, como a ausência de discussões sobre configurações familiares homoafetivas, o que pode contribuir para a naturalização de modelos hegemônicos e indicar limites na incorporação de uma perspectiva intercultural crítica mais abrangente.

De modo geral, a proposta deste estudo reafirma a relevância da interculturalidade crítica no ensino de língua inglesa, uma vez que as salas de aula de línguas, entendidas como espaços intrinsecamente interculturais (Rodrigues; Silvestre, 2020), devem constituir-se como espaços de problematização da perpetuação de narrativas euro-eua-cêntricas e hegemônicas, favorecendo um olhar reflexivo sobre as relações de poder implicadas nos processos de globalização e na disseminação do inglês como língua franca.

Dessa forma, ao retomar o objetivo geral de investigar em que medida a coleção *Teláris Essencial Inglês* se aproxima e/ou se distancia dos pressupostos da interculturalidade crítica, este estudo aponta que o material apresenta tanto potencialidades quanto limitações no que se refere ao desenvolvimento da consciência crítica e ao reconhecimento da pluralidade de identidades no ensino de língua inglesa. Os resultados indicam a necessidade de reflexões contínuas sobre os conteúdos curriculares e sobre a formação de educadores/as, favorecendo práticas pedagógicas sensíveis às articulações entre perspectivas locais e globais em contextos educacionais específicos. Como nos lembram Rodrigues e Silvestre (2020, p. 423), “sem uma perspectiva crítica, o ensino intercultural

de línguas apenas dará prosseguimento aos interesses modernos/coloniais”.

Portanto, esperamos que este estudo possa contribuir, sobretudo, para a reflexão de docentes que atuam na educação básica, ao problematizar em que medida os materiais didáticos adotados e as práticas pedagógicas por eles/as desenvolvidas se aproximam e/ou se distanciam dos princípios da interculturalidade crítica. Tal reflexão pode favorecer uma compreensão mais situada da educação linguística, atenta às vivências e aos saberes que atravessam o cotidiano dos/as estudantes.

## REFERÊNCIAS

AMAN, Robert. *Decolonizing intercultural education: colonial differences, the geopolitics of knowledge, and inter-epistemic dialogue*. London: Routledge, 2018.

ANJOS, Flávio Almeida dos. *Ideologia e omissão nos livros didáticos de língua inglesa*. 2. ed. Cruz das Almas: UFRB, 2019.

ARAÚJO, Kellita do Carmo; PEREIRA, Ariovaldo Lopes. Questões raciais em livros didáticos: a interculturalidade crítica como ferramenta de desnaturalização de desigualdades e injustiças sociais. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 78, p. 1-22, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/GFwvt7Kb8YrzS4gFBfL6QXr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia digital PNLD 2024-2027: anos finais*. Brasília, DF: MEC, 2024. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2024\\_objeto1\\_obras\\_didaticas/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas/inicio). Acesso em: 6 jan. 2026.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2025.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. *Revista Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 13, p. 678-686, 2020. Número especial. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949>. Acesso em: 29 dez. 2025.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (org.). *Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 23-41.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural e práticas pedagógicas. In: SILVA, Marco; NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; ZEN, Giovana Cristina (org.). *Didática: abordagens teóricas contemporâneas*. Salvador: Edufba, 2019. v. 1. p. 275-288.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande*, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/771/650>. Acesso em: 29 dez. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATERIAL Didático de Língua Estrangeira. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (129 min). Publicado pelo canal ALAB - Associação de Linguística Aplicada do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v8RgWK4J89s>. Acesso em: 24 jan. 2025.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estrutural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 325-369. Disponível em: <https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2020/10/Antologia-esencial-Anibal-Quijano.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2025.

RODRIGUES, Michael Douglas; SILVESTRE, Viviane Pires Viana. Interculturalidade crítica e educação linguística: problematizando (des)invenções. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 407-429, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/38340/24069>. Acesso em: 29 dez. 2025.

ROJO, Roxane. Materiais didáticos no ensino de línguas. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 163-195.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Caderno de orientações didáticas para EJA: Língua Estrangeira - Inglês: etapas complementar e final*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2010.

SAPORITO, Adriana; HODGSON, Elaine; MONTEIRO, Rafael; KIRMELIENE, Viviane. *Teláris Essencial Inglês*. São Paulo: Ática, 2022.

TILIO, Rogério Casanovas. A representação do mundo no livro didático de inglês como língua estrangeira: uma abordagem sócio-discursiva. *The Specialist*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 167-192, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277110920\\_A\\_Representacao\\_do\\_Mundo\\_no\\_Livro\\_Didatico\\_de\\_Ingles\\_Uma\\_Abordagem\\_Socio-Discursiva](https://www.researchgate.net/publication/277110920_A_Representacao_do_Mundo_no_Livro_Didatico_de_Ingles_Uma_Abordagem_Socio-Discursiva). Acesso em: 29 dez. 2025.

WALSH, Catherine. Estudios (inter)culturales em clave de-colonial. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 12, p. 209-227, 2010. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero12/estudios-interculturales-en-clave-de-colonial/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir, re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

WALSH, Catherine. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 64-75.